



Contribuições de Georges Devereux à metodologia de pesquisa em ciências humanas

Contributions by Georges Devereux to research methodology in the humanities

Eliane Domingues

 <https://orcid.org/0000-0002-0428-2063>

Wanessa Wonsoski

 <https://orcid.org/0000-0002-8563-2853>

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é expor uma síntese das principais contribuições de Georges Devereux para o campo da metodologia de pesquisa em ciências humanas: a epistemologia complementarista e a análise da contratransferência do pesquisador. O complementarismo, em Devereux, fundamenta-se na ideia de que a compreensão dos fenômenos humanos necessita de pelo menos uma dupla análise, nunca simultânea: do exterior (da cultura), pela antropologia, e do interior (psiquismo), pela psicanálise. Essa proposta respeita a especificidade de cada disciplina e também pode articular outras disciplinas e saberes na compreensão dos fenômenos humanos. A análise da contratransferência, por sua vez, é entendida como o caminho para a obtenção da objetividade na pesquisa e principal fonte de dados na pesquisa em ciências humanas, embora geralmente negligenciada. Como Devereux é um autor ainda pouco conhecido no Brasil, acreditamos que suas contribuições no campo da metodologia merecem ser estudadas e divulgadas.

Palavras-chaves: etnopsicanálise; metodologia; epistemologia; complementarismo; contratransferência.

Abstract

This article aims to present a synthesis of Georges Devereux's main contributions to research methodology in the human sciences: complementarist epistemology and the analysis of the researcher's countertransference. Complementarism in Devereux is based on the idea that understanding human phenomena requires at least a double analysis, never simultaneous: from the outside (culture) by anthropology and from the inside (psychism) by psychoanalysis. This proposal respects the specificity of each discipline and may also articulate other disciplines and knowledges in understanding human phenomena. Countertransference analysis, in turn, is understood as the way to obtain objectivity in research and the primary source of data in research in the humanities, although generally neglected. As Devereux is still an author little known in Brazil, we believe his contributions in the field of methodology deserve to be studied and publicized.

Keywords: ethnopsychanalysis; methodology; epistemology; complementarism; countertransference.



Introdução

O objetivo deste artigo é expor uma síntese das principais contribuições de Georges Devereux para o campo da metodologia de pesquisa em ciências humanas. Devereux é conhecido como criador da etnopsicanálise (ou etnopsiquiatria), disciplina que estuda a relação entre desordens psíquicas e culturas e a prática terapêutica fundamentada nesse estudo. A etnopsicanálise também é uma disciplina que articula a psicanálise e a antropologia na compreensão dos fenômenos humanos e uma metodologia de pesquisa, sendo esse último sentido que será aqui contemplado.

Segundo Laplantine (2007), Devereux é um dos maiores pensadores das ciências humanas e sociais do século XX, e suas principais contribuições estão, principalmente, no campo da metodologia. Podemos agrupá-las em duas propostas metodológicas: 1) a epistemologia complementarista e 2) a análise da contra-transferência do pesquisador como principal via para se aproximar da objetividade na pesquisa. Apesar da pertinência e da importância dessas propostas, elas não tiveram a merecida repercussão na antropologia e na psicanálise, disciplinas nas quais Devereux construiu sua trajetória e que sempre esteve às margens das abordagens dominantes. Como Devereux é ainda um autor pouco conhecido no Brasil, e sua biografia está entrelaçada com suas elaborações teóricas, começamos pela apresentação do autor.

György Dodó nasceu em Lugoj, na Hungria, em 1908, sua família pertencia à burguesia judaica intelectualizada que valorizava a educação e a cultura. Aos 18 anos, Dodó foi para Paris, para estudar física, química e matemática com Marie Curie e Jean Perrin, mas logo abandonou o estudo dessas disciplinas e, em 1929, começou a estudar malaio no Instituto de Línguas Orientais de Paris. Nesta época, já falava húngaro, romeno, francês, alemão e inglês, aprendendo, posteriormente, também o sedang e o grego. (Bloch, 2012)

Em 1931, Dodó terminou o curso de malaio e obteve o diploma de etnólogo no *Institut d' Ethnologie de l' Université de Paris* sem seguir os cursos, apenas realizando os exames. No *Institut d' Ethnologie de l' Université de Paris*, conheceu Marcel Mauss (1852-1950), com quem, segundo ele, aprendeu a ler um texto antropológico. No ano seguinte, mudou seu nome para Georges Devereux e conseguiu uma bolsa de estudos da fundação Rockefeller para sua primeira expedição. (Bloch, 2012).

Como preparação para sua primeira expedição, Devereux fez um treinamento nos Estados Unidos e lá conheceu o povo Mohave (Bloch, 2012). Depois do treinamento, viajou para Indochina (na época colônia francesa), onde permaneceu por um período de dezoito meses junto ao povo Sedang Moi (Bloch, 2012). Devereux foi o primeiro antropólogo indicado por Mauss para receber a bolsa Rockefeller, um



dos primeiros a realizar pesquisas de campo na Indochina e o primeiro a estudar a população Sedang do norte de Annam, suas pesquisas foram o único testemunho dessa população (Cerea, 2016; Praxedes, 2021).

As notas do período que passou com os Sedang foram a base para a escrita do livro *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*, publicado somente em 1967. Segundo Devereux (1967/1983), os escritos que deram origem ao livro foram considerados por ele como o dossiê das "causas perdidas" e contêm o melhor de sua pesquisa exploratória. É nesta obra que ele apresenta a análise da contratransferência do pesquisador como principal via para se aproximar da objetividade na pesquisa.

Após o trabalho de campo com os Sedang Moi, a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa e a Segunda Guerra que se anunciava, Devereux retornou aos Estados Unidos, fez um doutorado orientado por Alfred Louis Kroeber (1876-1960) sobre a vida sexual dos índios Mohave, em 1935, e lá permaneceu até 1963, sobrevivendo de bolsas de estudos e trabalhos temporários como professor universitário, passando curtos períodos também em outros países. (Bloch, 2012)

O retorno definitivo de Devereux a Paris ocorreu em 1963, a convite de Claude Levi-Strauss e de Fernand Braudel. Devereux retornou para assumir o primeiro posto universitário permanente da sua carreira, na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, na cadeira de etnopsiquiatria (Bloch, 2012). Foi a convite da *École* que ele reorganizou seu texto iniciado na década de 1930 e finalmente o publicou com o título *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*, em sua tradução francesa.

O livro *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*, segundo La Barre (1967/2012), é uma obra brilhante, indispensável e revolucionária, que pode irritar profundamente os leitores. O motivo de a obra ser irritante é o mesmo que a tornou revolucionária: a inversão que ela produz ao propor a análise do pesquisador/observador e não do sujeito observado como central na pesquisa. Sem a análise da contratransferência do pesquisador, para Devereux, a etnografia poderia ser considerada uma espécie de autobiografia do etnólogo, no sentido de referir-se muito mais a visão do pesquisador e seus pontos cegos do que a própria sociedade estudada. Antes de Devereux, outros poucos antropólogos (como Levi-Strauss) tomaram como objeto de análise e reflexão a sua contratransferência, mas ninguém "o fez de forma tão inovadora como Devereux" (Araújo, 2016, p.5). Para La Barre (1967/2012):

No passado, o etnólogo, na sua virilidade inocente, poderia crer que seu engajamento na pesquisa de campo era desprovida de ideias pré-concebidas, de motivos, de teorias ou de uma visão das coisas próprias de sua cultura; hoje somos convidados a considerar o etnólogo ao mesmo tempo como *sapiens*, como portador de uma certa cultura e como pessoa, e a ver que sua 'ciência' simples, se ela não é



disciplinada pela consciência da contratransferência, pode se reduzir a um lirismo autocomplacente, descrição daquilo que é sentido de maneira projetiva diante do desconhecido. (p.7, tradução nossa)

Para La Barre (1967/2012), a inovação metodológica proposta por Devereux implicou uma “reorientação cognitiva” e novas exigências aos pesquisadores geradoras de angústia que levaram a um desinteresse por sua obra. Araújo (2016), também constando o desinteresse pela obra de Devereux no campo antropológico, apesar de sua inegável relevância, elenca outros motivos que podem ter contribuído para que a obra de Devereux tenha ficado no “limbo”, tais como o fato do autor não se enquadrar nas correntes de pensamento hegemônicas na antropologia, tanto no passado como na atualidade. Devereux não se enquadrava na corrente de pensamento positivista que desconsidera a subjetividade do pesquisador, nem na Escola Cultura e Personalidade¹, que foi severamente criticada por ele. Seu pensamento também se opõe à vertente da antropologia pós-moderna, que adere ao relativismo epistemológico e defende que:

(1) não só não existe qualquer unidade psíquica humana, como (2) as culturas e os indivíduos são incomensuráveis, o que significa que (3) não é possível conhecê-los objetivamente e (4) qualquer afirmação em contrário é necessariamente ilusória e/ou um exercício de poder/opressão e isto porque (5) o investigador, tal como qualquer outro indivíduo humano, se encontra ontologicamente encapsulado na sua própria subjetividade e, portanto, incapacitado para conhecer objetivamente seja o que for. (Araujo, 2016, p.62)

O próprio Devereux (1967/1983) se queixava que a sociedade exige do pesquisador que ele justifique a ideologia dominante e que as novas ideias tenham relação com as vertentes preponderantes da época, o que faz com que as inovações que fujam desse escopo sejam punidas. Nesse sentido, Devereux relatou que, embora suas maiores contribuições já estivessem presentes em germe na sua tese de doutorado, ele foi obrigado a suprimi-las, a pedido do seu orientador Kroeber, que lhe disse que ele deveria deixar a teoria para os mais velhos (Bloch, 2012).

Somando-se a não adequação de Devereux às correntes de pensamento antropológicas predominantes como uma das hipóteses possíveis de seu não reconhecimento, devemos considerar que ele, além de antropólogo, foi também psicanalista. E a relação entre as duas disciplinas, desde a publicação de Totem e Tabu (Freud, 1913/2013), passando pela discussão sobre a loucura do xamã (Liger, 2002), não foi isenta de conflitos. Transitar por essas duas disciplinas fez com que Devereux fosse considerado, segundo Roudinesco (2013, p.7, tradução nossa), como “freudiano demais para os antropólogos e antropólogo demais para os psicanalistas”.

¹ A Escola Cultura e Personalidade é uma abordagem que se desenvolveu na década de 1930, nos Estados Unidos, que recorre às teorias da psicanálise e à psicologia em suas formulações, propondo o primado da cultura sobre o psiquismo e o relativismo cultural.



O encontro de Devereux com a psicanálise se deu após a Segunda Guerra Mundial, primeiro, em Paris, onde fez análise com Marc Schlumberger (analista didata, membro da Sociedade Psicanalítica de Paris) e, depois, na Clínica de Karl Menninger² em Topeka, no Kansas, Estados Unidos, na qual deu continuidade a sua análise, encontrando dificuldades para tornar-se analista por não ser médico. No meio psicanalítico, Devereux também não se adequava às correntes de pensamento predominantes. Ele se definia como um freudiano ortodoxo e foi crítico dos neofreudianos, assim como foi da Escola de Cultura e Personalidade, na antropologia. Nas décadas em que ele morou nos Estados Unidos, o neofreudismo era a abordagem predominante na psicanálise americana. O neofreudismo americano contestava a universalidade psíquica e os conceitos freudianos como sexualidade, recalque, transferência e pulsão (Roudinesco & Plon, 1998). Na década de 1960, quando Devereux retornou a Paris, também não aderiu ao pensamento lacaniano, que ele considerava um engano (Laplantine, 2007). Embora tenha se tornado membro aderente da Sociedade de Psicanálise de Paris em 1964, não conseguiu o status de analista didata (Araújo, 2016).

Segundo Cerea (2016), somente na década de 1970 a obra de Devereux foi reconhecida, sendo traduzida para diversas línguas. Neste período, seus seminários passaram a atrair muitos estudantes, no entanto, até sua morte em 1985, Devereux sempre se queixou do não reconhecimento da sua obra nas três décadas que viveu nos Estados Unidos, embora tenha recebido, em 1974, ainda em vida, uma reunião da Associação Americana de Antropologia em sua homenagem. No discurso de encerramento dessa reunião, Margaret Mead disse que Devereux foi "o primeiro estudioso a oferecer novas soluções - não reducionistas - ao dilema da interface entre duas abordagens ao estudo do homem, a psicológica e a sociocultural" (Cerea, 2016, p.19, tradução nossa).

A epistemologia complementarista

A proposta de Devereux para resolver o dilema entre as abordagens psicológica e sociocultural na compreensão dos fenômenos humanos e superar o reducionismo do determinismo do psíquico pelo social/cultural (Escola Cultura e Personalidade) e do social/cultural pelo psíquico (Géza Rohém) é sua epistemologia complementarista.

O complementarismo, em Devereux, fundamenta-se na ideia de que a compreensão dos fenômenos humanos necessita de pelo menos uma dupla análise: do

² Na clínica Menninger, Devereux analisa Jimmy Picard, e as transcrições das sessões deram origem ao seu primeiro grande livro, *Reality and Dream: The Psychotherapy of a Plains Indian* (traduzido para o francês como *Psychothérapie d' un indien des plaines: réalité e rêve*), publicado em 1951. O livro foi adaptado para o cinema em 2013 por Arnaud Desplechin, com o título *Jimmy P*, na versão brasileira, recebeu o título de *Terapia intensiva*. (Domingues, Honda & Reis, 2019)



exterior (da cultura), pela antropologia, e do interior (psiquismo), pela psicanálise. Tal abordagem é caracterizada pelo autor como pluridisciplinar - não interdisciplinar - e denominada etnopsicanálise/etnopsiquiatria. A rechaça do termo interdisciplinaridade por Devereux se deve à ideia de fusão que a palavra traz, do domínio de uma disciplina sobre a outra, como ocorre na perspectiva da escola Cultura e Personalidade, em que o psiquismo é visto como reflexo da cultura. Além disso, Laplantine (1998) adverte que a interdisciplinaridade traz implícita a ideia de que uma disciplina pede socorro à outra, podendo dispensá-la quando achar conveniente. Nas palavras de Devereux (1972a),

o princípio de duplo discurso rechaça incondicionalmente qualquer "interdisciplinariedade" do tipo aditivo, fusionante, sintético ou paralelo - em suma, qualquer disciplina "com script" e, portanto, "simultânea". Desse modo, a verdadeira etnopsicanálise não é "interdisciplinar", mas *pluridisciplinar*, posto que efetua uma dupla análise de certos fatos, no campo da antropologia, por uma parte, e no campo da psicanálise, por outra parte; enuncia dessa maneira a natureza da relação (de complementariedade) entre esses dois sistemas de explicação (Devereux, 1972a, p.12, grifos do autor, tradução nossa).

A dupla análise proposta por Devereux respeita a especificidade de cada disciplina que tem problemática, metodologia, teoria próprias e não pode ser simultânea (Laplantine, 1998). A não simultaneidade na análise significa que quanto mais nos detemos em perceber uma dimensão do fenômeno, menos percebemos outra. A não simultaneidade baseia-se no princípio do indeterminismo do físico Werner Heisenberg (1901-1976), que propõe

a impossibilidade de determinar (medir) *simultaneamente e com a mesma precisão* a posição e o momento de um elétron. Em efeito, quanto maior é a exatidão com que medimos a posição de um elétron (em um instante dado), maior será a imprecisão da determinação de seu momento (Devereux, 1972a, p. 18, grifos do autor, tradução nossa).

Um exemplo da impossibilidade de uma análise simultânea nas ciências humanas é apresentado por Devereux (1953/1977) no texto *Les facteurs culturels en thérapeutique psychanalytique*. A situação relatada é do marido que presenteia a esposa com brincos, a análise da situação implica que, quanto mais exploramos os motivos psicológicos que levam um homem a dar brincos de presente a sua esposa, menos compreendemos a dimensão social desse ato, como o costume de presentear as pessoas em certas datas. A conclusão é de que é logicamente irrealizável compreender de maneira simultânea, pela psicologia e pela sociologia, um mesmo fenômeno. "É impossível pensar de *maneira sistemática e consistente* em termos, por exemplo, do marco de referência psicológico e, *simultaneamente*, e de maneira *igualmente sistemática e consistente* em termos socioculturais" (Devereux, 1961/1972b, p. 118, grifos do autor, tradução nossa).



Outro exemplo da impossibilidade da simultaneidade de dupla análise de um fenômeno é apresentado por Laplantine (1998) ao abordar a umbanda. O culto na umbanda consiste na “incorporação” de espíritos, os quais permanecem durante a cerimônia no corpo dos médiuns possuídos que recebem pacientes para atendimento. Nos atendimentos, são realizados os diagnósticos, tratamentos e são dados conselhos para que o paciente se torne adepto da religião, com a possibilidade de tornar-se um “curador” também. Pela explicação sociocultural, a umbanda oferece uma estrutura de acolhida, bem como um espaço de status de poder quando o “curado” se torna o “curador”, um filho(a) ou pai /mãe de santo, status esse que, para grande parcela da população brasileira, não é possível de ser atingido na sociedade civil. Em outras palavras, a adesão à religião umbanda possibilita aos sujeitos uma integração na sociedade e uma diferenciação em relação a ela. Já pela interpretação psicológica, é possível entender que o paciente que busca o médium sofre de “uma falta manifestada ou dissimulada pela defesa psíquica que é o sintoma” (Laplantine, 1998, p. 60), e o tratamento fornece significações ao que estava carente, sendo possível preencher essa falta.

Percebemos nos exemplos que é possível fornecer uma explicação satisfatória para um fenômeno apenas a partir de uma disciplina, por exemplo, a psicologia. No entanto, isso não significa que o fenômeno seja fundamentalmente de ordem psicológica e que não se possa explicá-lo de modo satisfatório em termos sociológicos, pois, embora cada ciência utilize abstrações parciais, estas podem oferecer “uma explicação *operacionalmente* satisfatória e completa de um fenômeno dado” (Devereux, 1961/1972b, p. 117, grifo do autor, tradução nossa). Dessa forma, sendo a psicologia capaz de oferecer uma explicação psicológica completa e a sociologia uma explicação social e completa de um mesmo fenômeno, a compreensão do fenômeno será muito maior se as duas disciplinas se complementarem, complemento esse que não as funde e que considera a autonomia de cada uma.

O uso da metodologia complementarista justifica-se, segundo Devereux (1966/1972c), pelo fato de que o sujeito não é apenas aquilo que está em seu interior, nem apenas aquilo que está no seu exterior, por isso um olhar em cada uma das dimensões possibilita uma visão mais ampla. A separação (entre o que é interior e o que é exterior) é mais uma questão de convenção, pois, concretamente, ela não é possível quando se refere a fenômenos humanos, visto que uma pessoa é, ao mesmo tempo, sujeito para ela e meio para outras. Além disso, a fronteira do que é interior e exterior é móvel, no sentido de que algo interior pode estar no exterior e vice-versa. Devereux (1966/1972c) afirma que “o verdadeiro lugar dos fenômenos que corresponde ao estudo é precisamente essa curva, que, em teoria, ‘separa’, mas, na prática, ‘unifica’ o homem e seu ambiente” (p. 63, tradução nossa). No entanto, mesmo que seja apenas por convenção a separação entre exterior e interior e que psiquismo e cultura sejam funcionalmente inseparáveis,



a explicação a partir de duas disciplinas – ou mais – permitirá que se tenha uma visão mais ampla do fenômeno estudado.

Por último, é importante destacar que Devereux (1972a) afirma que utilizou, em grande parte de suas obras, a metodologia complementarista, mas não fazia alusão a ela para que seus escritos pudessem ser aceitos no meio científico, já que essa abordagem não era bem recebida. Além disso, ressalta-se também que o complementarismo é uma metodologia que não exclui outros métodos ou teorias, apenas os coordena. Ou seja, outras disciplinas, além da antropologia e da psicanálise, e saberes podem ser articulados na compreensão dos fenômenos humanos.

A análise da contratransferência

A segunda contribuição de Devereux à metodologia de pesquisa em ciências humanas, apontada por Laplantine (2007) - a análise da contratransferência do pesquisador como principal via para se aproximar da objetividade na pesquisa - , assim como sua epistemologia complementarista, também teve influência dos estudos da Física, especificamente de Niels Bohr (1885-1962).

Já citamos o princípio do indeterminismo de Heisenberg, e é a partir dele, segundo Devereux (1980), que Bohr formula o princípio da complementariedade, sobre o qual se fundamentariam as teorias da Mecânica Quântica. Segundo Cerea (2014), esse princípio foi proposto por Bohr em 1927 como solução para uma contradição aparente entre duas teorias sobre a natureza – corpuscular e ondulatória – da luz e da matéria; teorias comprovadas experimentalmente e que chegavam a conclusões diferentes. Essas diferentes conclusões, para Bohr, devem-se ao fato de que diferentes experiências captam diferentes dimensões do fenômeno observado. Além disso, é necessário considerar a interação observador/observado na explicação dos fenômenos, pois a própria situação de observação modifica o fenômeno observado.

Nas ciências humanas, só é possível observar o fenômeno que acontece na presença do pesquisador, resultante da interação entre o pesquisador e a situação/ sujeito observado. Logo, os dados nas pesquisas devem incluir, além do comportamento do sujeito observado, as perturbações induzidas pela presença do pesquisador e o comportamento do próprio pesquisador (suas angústias, suas manobras defensivas, suas estratégias de pesquisa e suas decisões). Para Devereux (1967/1983), a análise do comportamento do pesquisador deve ser considerada como fundamental na obtenção da objetividade na pesquisa. Segundo Devereux (1967/2018, p.10), "infelizmente, é sobre o terceiro tipo de comportamento [comportamento do pesquisador] que nós temos a menor quantidade de informações, pois nós temos recusado sistematicamente o estudo da realidade em seus próprios



termos”.

Para chegar a esta proposição, Devereux (1967/1983) também parte de Freud e do lugar central que ele atribui à análise da transferência como método de investigação. Embora transferência e contratransferência sejam fenômenos interligados e correlatos, Devereux propõe que a análise da contratransferência é mais importante que a análise da transferência. Esta proposição também é fundamentada na ideia de Einstein de que só podemos observar os fenômenos no próprio observador, logo o observador é o mais importante.

A denominação de transferência às reações do analisando ou informante, e de contratransferência às do analista ou antropólogo, é apenas uma convenção, já que a diferença entre ambas não está relacionada à natureza do fenômeno, mas ao lugar ocupado por aquele que a vivencia. Como a contratransferência é central para Devereux (1967/1983), convém apresentar como ele a define, destacando que sua definição não difere da de Freud. Segundo Devereux:

A contratransferência é a soma total das deformações que afetam a percepção e as reações do analista em relação a seu paciente; essas deformações consistem naquilo que o analista responde a seu paciente como se esse constituísse uma imago primitiva, e se comportasse na situação analítica em função de suas próprias necessidades, vontades e fantasmas *inconscientes* – frequentemente infantis (Devereux, 1967/2018, p. 7, grifo do autor, tradução nossa).

Na definição apresentada, destacamos a contratransferência como geradora de deformações, sentido presente em Freud (1912/2010) quando se refere à contratransferência como geradora de resistências e de distorções do conteúdo analisado. Enquanto Freud recomenda, para o contexto clínico, a análise da transferência para que ela não distorça os conteúdos trazidos pelo paciente, Devereux (1967/1983) propõe que, na situação de pesquisa, a contratransferência deva ser analisada para evitar distorção e também porque ela contém os principais dados da pesquisa.

Devereux (1967/1983) escreve *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*, propondo como argumento central a análise da contratransferência nas pesquisas em ciências humanas. Segundo ele, a subjetividade do pesquisador está em jogo em todas as etapas da pesquisa, seus afetos e representações inconscientes são mobilizados no encontro com o objeto estudado, despertando angústia, ou seja, reações de contratransferência. Essas reações deformam a percepção e a interpretação dos dados e formam resistência à contratransferência. Assim como Freud (1910/2013) diz que “cada psicanalista consegue ir apenas até onde permitem seus próprios complexos e resistências internas” (p. 293), podemos dizer que, para Devereux, o que Freud diz para o psicanalista também se aplica ao pesquisador e à situação de pesquisa.

Devereux (1967/1983) enfatiza que a subjetividade do pesquisador produz



deformações significativas em qualquer pesquisa e, dessa forma, para termos uma metodologia eficaz nas ciências humanas, devemos considerar a subjetividade do pesquisador inerente a toda observação como o dado mais significativo. Não considerar essa dimensão resulta em pseudometodologias, isto é, defesas originadas pelas resistências da contratransferência maquiadas de metodologias, que são responsáveis pela quase totalidade dos erros e problemas das ciências humanas.

Para Devereux (1967/1983), o pesquisador pode alterar a realidade por subtração, adição ou alteração dos dados de modo inconsciente. Aqui, pode-se fazer uma relação com o teste de *Rorschach*, no qual se apresenta uma mesma imagem, mas cada indivíduo a vê de maneira diferente, a partir de suas necessidades e de seus conflitos pessoais, isto é, de seu inconsciente. O mesmo ocorre com o pesquisador em trabalho de campo, já que todo sistema de pensamento elaborado por ele terá aspectos inconscientes, independentemente de ser mais lógico ou mais abstrato.

Mesmo o sistema de pensamento mais lógico e científico tem um significado subjetivo para o inconsciente da pessoa que acredita nele ou o adota. Todo sistema de pensamento – inclusive o meu, está claro – nasce no inconsciente, na forma de defesa contra a angústia e a desorientação; formula-se primeiro afetivamente, mais que intelectualmente, e na (ilógica) 'linguagem do inconsciente' (Devereux, 1967/1983, p. 44, tradução nossa).

Quanto mais ansiogênica for a situação observada, maiores serão as defesas inconscientes levantadas, ou seja, maior será a possibilidade de deformação causada na interpretação do que se está vendo. As situações que são as maiores causas de angústia do pesquisador nas ciências humanas, para Devereux (1967/2018), são: 1) O pesquisador encontra aspectos "a céu aberto" que, nele, podem estar recalcados. Isso ocorre com muita frequência com antropólogos, pois as culturas tratam de diferentes formas o mesmo material psíquico, isto é, um mesmo aspecto pode ser recalcado em uma cultura e, em outra, pode ser explorado abertamente. 2) Aquilo que aparece no outro é vivido como ameaça à integridade narcísica do Eu. Esse aspecto nos remete ao "inquietante", ao fato de que é difícil lidar com o outro diferente justamente porque a diferença que causa inquietação não pertence ao outro, mas a si mesmo, ao seu conteúdo recalcado (Freud, 1919/2010). Nas palavras de Freud, "o inquietante das vivências produz-se quando os complexos infantis reprimidos são novamente avivados, ou quando as crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas" (Freud, 1919/2010, p. 371). 3) As angústias podem ser suscitadas pelo material que traz revivências pessoais; por ameaça à vulnerabilidade fundamental (como perigo de morte, ameaça à castração etc.); por intensificar os problemas atuais; ou, ainda, por tocar em defesas ou sublimações. 4) As angústias também podem decorrer de uma hipercomunicação inconsciente, ou seja, de excessos perturbadores entre observador e observado. 5) Elas podem,



ainda, ser desencadeadas por uma hipocomunicação consciente, por acreditar que se compreende muito de um objeto quando, na verdade, compreende-se muito pouco. 6) Por último, as angústias podem ser resultado da combinação da hipercomunicação com a hipocomunicação, trazendo uma fixação em um fato concreto e recusando a interpretação daquele fato, não indo além do que é evidente, devido ao fato ser emocionalmente intolerável.

Essas angústias podem despertar reações de defesas no pesquisador e fazer com que ele deforme, oculte ou altere os dados. Devereux (1967/1983) nos oferece um exemplo dessa situação: ele conta que um antropólogo filmou tranquilamente alguns africanos bebendo sangue fresco de um vitelo, mas foi invadido por uma intensa angústia ao vê-los comendo o sangue coagulado. O ato de beber sangue, para aquele antropólogo, foi tranquilo porque ele estava com suas defesas intrapsíquicas em estado de alerta devido ao conhecimento de que era uma prática comum em certas regiões da África, diferentemente do ato de comer o sangue, que foi uma surpresa angustiante. Devido a essa angústia sentida, o ato de comer o sangue não é nem mencionado em suas publicações, provavelmente, porque ele não estava munido de defesas para aquela cena que lhe causou tal sentimento. Devereux escreve que ele próprio, diferentemente do antropólogo do exemplo citado, não teria angústia em ver os africanos comendo sangue porque cresceu em uma cultura em que era comum comer sangue de porco. Portanto, a diferença existente entre ele e o antropólogo diz respeito a “vulnerabilidades culturalmente determinadas” (Devereux, 1967/2018, p. 7).

Considerando que é inevitável a contratransferência do pesquisador e as consequentes distorções da pesquisa, a única saída é considerá-la como dado fundamental em todas as pesquisas. Essa postura não apenas poderia evitar erros e problemas, mas também seria capaz de produzir *insights* de maneira mais significativa do que com qualquer outro dado. (Devereux, 1967/1983).

Devereux (1967/1983) nos oferece mais alguns exemplos vivenciados por ele para demonstrar a angústia sentida em relação a um conteúdo de pesquisa e como ele lidou com ela a partir da tomada de consciência de sua existência. O primeiro exemplo retrata uma das práticas dos Sedang, que realizavam o sacrifício de cachorros e porcos, dando-lhes pancadas, em um processo lento. Devido ao seu apreço por animais, essa prática era insuportável para ele. Percebendo isso, começou a oferecer recompensa para aqueles que matassem os animais de modo mais rápido possível. Posteriormente, ainda sendo muito difícil lidar com essa situação, escolheu pesquisar o papel dos cães na cultura Sedang, dando, portanto, um destino sublimatório à angústia sentida.

Outro exemplo relatado por Devereux foi a exibição de um filme etnográfico sobre os ritos de circuncisão e subincisão do pênis realizados em uma tribo australiana. Devereux assistiu ao filme em duas ocasiões, a primeira como plateia (na



década de 1930) e a segunda como debatedor (na década de 1950), analisando as reações dos espectadores e dele mesmo durante as duas exibições. (Devereux, 1967/1983).

Na primeira exibição, a plateia foi composta por um pequeno grupo de jovens antropólogos que assistiu ao filme até o final. Chamaram a atenção de Devereux as diferentes reações de angústia à exibição do ritual de subincisão do pênis: os homens ficaram “calados, pálidos e desgostosos”, e as mulheres, “excitadas, coradas e rindo”; o comportamento das mulheres incomodou Devereux e, na época, ele entendeu tais reações das antropólogas como falta de profissionalismo. O filme causou um impacto duradouro em Devereux e em toda a plateia. (Devereux, 1967/1983)

A segunda exibição do filme foi realizada em um auditório de uma instituição psiquiátrica, e a plateia foi composta por um grupo de 150 pessoas (enfermeiros, médicos, estudantes, analistas). Nessa ocasião, alguns analistas e psiquiatras, em sua maioria homens, deixaram o auditório e não assistiram ao filme até o final, e poucas questões foram feitas a Devereux após a exibição. No dia seguinte, Devereux pediu a alguns participantes que lhe relatassem os sonhos que tiveram na noite anterior, na qual assistiram ao filme. (Devereux, 1967/1983)

As diferentes reações à exibição do filme pela plateia e por ele próprio foram analisadas por Devereux. No caso dos antropólogos, a familiaridade intelectual com o tema, a própria profissão e o fato de ser um grupo pequeno e unido, amenizaram o impacto traumático do filme. No caso dos médicos e enfermeiros, estes já tiveram contato com cirurgias, pessoas mutiladas e até mesmo com a hipospádia congênita, o que também poderia amenizar o efeito traumático das cenas. Condição diferente tinham os demais profissionais, que também não estavam familiarizados com os rituais australianos e não tinham as defesas e a preparação intelectual para lidar com o efeito traumático. (Devereux, 1967/1983)

Devereux (1967/1983) percebeu que a ideia de passar o filme aos profissionais do hospital, bem como a ideia de registrar os sonhos deles, eram ideias sublimatórias, ou seja, foram uma forma de dar um destino à angústia de castração despertada pelo ritual de subincisão do pênis. Passar esse filme para discussão com os profissionais indicou que ele buscava ainda elaborar o trauma, analisando as reações de outras pessoas sem que precisasse se deter sobre ele próprio, e pedir para registrar os sonhos das pessoas, com ele mesmo não sonhando aquela noite, fê-lo afirmar: “deixei com que os outros sonhassem por mim” (Devereux, 1967/1983, p. 112).

É humanamente comum alguém adotar procedimentos diversos para diminuir ou livrar-se do impacto de dados ansiógenos, e não devemos necessariamente considerar isso algo ruim. Para Devereux (1967/1983), o cientista que utiliza procedimentos que buscam reduzir a ansiedade está usando uma boa metodologia, desde que esses procedimentos visem tornar a angústia consciente. Assim, con-



trariamente ao pensamento de que as angústias prejudicam a pesquisa, ele afirma que “a angústia entendida é uma fonte de serenidade e criatividade psicológica e, portanto, uma boa ciência” (p. 133, tradução nossa).

A consciência e o controle criativo das angústias despertadas pelo objeto/sujeito pesquisado e usadas para fins científicos são cientificamente positivos, como no exemplo em que foram registrados sonhos como desejo de resolver a ansiedade causada pelo ritual. No entanto, alerta-nos Devereux (1967/1983) que até mesmo o melhor método pode ser usado inconscientemente para amortecer as angústias. Diante disso, o mais importante não é saber se o pesquisador usa algum método considerado “adequado” como artifício de reduzir as angústias, mas, sim, se o utiliza de modo consciente e sublimatório ou de modo inconsciente e defensivo. Por exemplo, os lençóis esterilizados no campo cirúrgico não garantem apenas a assepsia do local, mas também amortecem a ansiedade do médico, pois dão a ilusão de que se está operando apenas uma parte de um corpo e não um ser vivo. Dessa maneira, o cirurgião pode usar o lençol para diminuir a ansiedade, mas deve ter consciência disso, pois, se aceitar essa ilusão protetora e esquecer-se do todo, da cadência respiratória ou do perigo de um choque anestésico, por exemplo, o paciente pode morrer.

Deve-se ficar claro que há diferentes tipos de amortecimento dos conteúdos ansiógenos: amortecimento por sublimação e amortecimento por defesa.

O amortecimento pela objetividade, que é uma sublimação, difere do desapego meramente defensivo. A objetividade nasce do controle criativo das reações irracionais reconhecidas conscientemente, sem perda de afeto, enquanto que nas resistências contratransferenciais são negadas as reações defensivas inconscientes e irracionais e o afeto inibido a tal ponto que se produz o isolamento neurótico (Devereux, 1967/1983, p. 137, grifo do autor, tradução nossa).

O amortecimento dos conteúdos por meio do destino sublimatório reconhece que há os conteúdos ansiógenos envolvidos e trabalha com eles, sendo cientificamente produtivo, já o amortecimento por defesa nega os conteúdos ansiógenos envolvidos, sendo isso muito prejudicial, pois leva, inconscientemente, à deformação, à negação ou à subtração de dados, ou, em outras palavras, distancia-se da objetividade. (Devereux, 1967/1983)

Adentrando mais na afetividade, Devereux (1967/1983) descreve ser muito comum os cientistas empregarem defesas para lidar com os afetos, destacando-se a postura de reduzir os sujeitos da pesquisa a cobaias ou a máquinas. Exemplos de pesquisas que fizeram essa redução são os experimentos nos campos de concentração, nos quais os nazistas desumanizavam os judeus, tornando absurda qualquer relação de empatia com eles, para depois submetê-los a agressões físicas e psíquicas, em que o status “não humano” parece se justificar. Conforme o autor, o risco da perda da sensibilidade e o comprometimento da consciência e da nossa própria



humanidade seriam razões suficientes para evitar a atitude distante e fria, “ainda quando não fosse evidente que o modo mais frutífero de estudar o homem é por mediação de nossa própria condição de humanos” (Devereux, 1967/1983, p. 199). O posicionamento desumano é uma defesa para não lidar com os afetos, por isso torna-se o que o autor chama de “reconfortante”, porém prejudicial à pesquisa, pois a principal ferramenta do cientista e seu mais importante sentido é o seu inconsciente, o que inclui os afetos. Dessa forma, Devereux (1967/1983) faz uma proposta às ciências humanas: fazer “a reintrodução do afeto na investigação” (p. 199), a qual não apenas aproximará o pesquisador do objeto, mas proporcionará pesquisas mais humanas e empáticas.

Considerações finais

Apresentamos as duas principais contribuições de Devereux para o campo da metodologia de pesquisa, sua epistemologia complementarista e a análise da contratransferência do pesquisador como principal fonte de dados nas pesquisas em ciências humanas. Essas contribuições foram marcadas pelo seu conhecimento da física e pela articulação da antropologia e da psicanálise na compreensão dos fenômenos humanos.

Com a epistemologia complementarista, Devereux visou superar o reducionismo das explicações monocausais e do determinismo do psíquico pelo social/cultural e vice-versa (Cerea, 2014; Laplantine, 2007). Ao propor a abordagem pluri-disciplinar dos fenômenos humanos de forma não simultânea e respeitando a autonomia das disciplinas, buscou ampliar a compreensão de fenômenos complexos que, para ele, merecem pelo menos uma dupla análise, da dimensão psíquica, pela psicanálise, e da dimensão sociocultural, pela antropologia/sociologia.

Partindo das ideias de que o pesquisador só pode observar os fenômenos que acontecem na sua presença e que, na pesquisa em ciências humanas, a subjetividade do pesquisador interfere nos dados coletados, pois os dados são construídos em função da relação (transferencial e contratransferencial) estabelecida entre pesquisador e os participantes da pesquisa, Devereux vai além ao afirmar que a análise da contratransferência do pesquisador é a principal fonte de dados na pesquisa.

O pesquisador, quando está no campo e mesmo quando escolhe um tema/objeto, teoria, métodos/técnicas de pesquisa, o faz a partir de sua história pessoal, de seus pontos cegos, de seus afetos e angústias, que podem ser projetados/mobilizados no encontro com o outro na situação de pesquisa. Ao invés de ignorar ou buscar evitar essas interferências do pesquisador, Devereux as coloca no centro e entende que a análise da contratransferência do pesquisador é caminho para a obtenção da objetividade nas pesquisas em ciências humanas.



Referências

- Araújo, A. R. A. (2016). *Trinta e cinco anos no limbo e outros tantos mais*. [Dissertação de Mestrado, Escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa] Repositório Icte. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12860>
- Bloch, G. (2012). *Georges Devereux, sa vie, son oeuvre, et ses concepts: la naissance de l'ethopsychanalyse*. Éditions Universitaires Européennes.
- Cerea, A. (2014). Au-delà de l'ethnopsychiatrie, la contribution épistémologique. In F. Nayrou (Dir.), *George Devereux* (pp.91-103). Société Psychanalytique de Paris. (Collection Hommages)
- Cerea, A. (2016) Al di là dell'etnopsichiatria. Georges Devereux tra scienza ed epistemologia. [Tese de Doutorado, Dottorato di Ricerca in Science, Cognition and Technology, Università di Bologna in cotutela con l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Bologna/Paris]. <http://amsdottorato.unibo.it/7712/>
- Desplechin, A. (Diretor). (2013). *Jimmy P*. [Filme-DVD]. Why Not Productions.
- Devereux, G. (1983). *De la ansiedad al método en las ciencias del comportamiento*. (F. Blanco, trad.). Siglo Veintiuno. (original publicado em 1967).
- Devereux, G. (1972a). Advertencia. Argumentación. (F. Serato, trad.). In G. Devereux, *Etnopsicoanálisis complementarista*. (pp. 9-51) Amorrortu Editores.
- Devereux, G. (1972b). Dos tipos de modelos de personalidad modal. (F. Serato, trad.). In G. Devereux, *Etnopsicoanálisis complementarista*. (pp. 111-130). Amorrortu Editores. (Original publicado em 1961).
- Devereux, G. (1972c). Lo interior y lo exterior: la naturaleza del stress. (F. Setaro, trad.), In G. Devereux, *Etnopsicoanálisis complementarista*, (pp.53-65). Amorrortu Editores. (Original publicado em 1966).
- Devereux, G. (1977). Les facteurs culturels en thérapie psychanalytique. In G. Devereux, *Essais d'ethopsychiatrie générale*. (pp. 334-353). Gallimard. (Original publicado em 1953).
- Devereux, G. (1980). Freud, discoverer of the principle of complementarity (a serious inaccuracy of translation in the standard edition). *The International Journal of Psychoanalysis*, 7, 521-521.
- Devereux, G. (2013). *Psychotérapie d'un indien des plaines: réalité et rêve*. Fayard. (Original publicado em 1951).



- Devereux, G. (2018). Da angústia ao método nas ciências do comportamento (G. I. Binkowski, trad.). *Lacuna: Uma Revista de Psicanálise*, (6), 7. <https://revistalacuna.com/2018/12/14/n06-07/> (Original publicado em 1967).
- Domingues, E., Honda, H., & Reis, J. G. (2019). A etnopsicanálise de Devereux no filme Jimmy P: uma introdução à clínica transcultural. *Psicologia em Estudo*, 24, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.38337>
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (P. C. Souza, trad.). In S. Freud, *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ["o caso Shreber"]*, artigos sobre a técnica e outros textos (p.147-162). Companhia das Letras. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010) O inquietante (P. C. Souza, trad.). In S. Freud, *História de uma neurose infantil ["O homem dos lobos"]*, além do princípio do prazer e outros textos (pp. 328-376). Companhia das Letras. (Original publicado em 1919).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu (P. C. Souza, trad.). In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (pp.13-244). Companhia das Letras. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (2013). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (P. C. Souza, trad.). In S. Freud, *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["o homem dos ratos"]*, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (pp. 287-301). Companhia das Letras. (Original publicado em 1910).
- La Barre, W. (2012) Préface. In G. Devereux, *De l'angoisse à la méthode dans las sciences du comportement*. (pp.5-9) Champs Essais. (Original publicado em 1967).
- Laplanche, F. (1998). *Aprender etnopsiquiatria*. Brasiliense.
- Laplanche, F. (2007). *Ethnopsychiatrie psychanalytique*. Beauchesne.
- Lioger, R. (2002). *La folie du chaman: histoire de l'ethnopsychanalyse*. PUF.
- Praxedes, W. (2021) A Fundação Rockefeller, o financiamento e a orientação temática e metodológica das pesquisas nas ciências sociais francesas na década de 1930. *Revista Espaço Acadêmico*, 229, 264-274. Recuperado em 24 de junho, 2022 de: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/59233/751375152352>
- Roudinesco, E. (2013). Préface. In G. Devereux, *Psychotérapie d'un indien des plaines* (pp. 07-28). Fayard.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Zahar.



Nota sobre as autoras:

Eliane Domingues é doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do departamento de Psicologia e do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: edomingues@uem.br

Wanessa Wonsoski é doutoranda no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: wanessauem@gmail.com

Data de submissão: 06.07.2022

Data de aceite: 20.03.2023